

A SOCIABILIDADE ITALIANA NA CIDADE DE JUIZ DE FORA: ITALIANOS MAÇONS E A “UNIONE ITALIANA BENSO DI CAVOUR”¹

Me. Rafael de Souza Bertante²

RESUMO: Este trabalho pretende analisar as formas de sociabilidade desenvolvidas entre os imigrantes italianos do município de Juiz de Fora, MG, durante as duas primeiras décadas do século XX. O momento destacado faz parte do contexto de crescimento e desenvolvimento urbano, industrial e arquitetônico, vivido pela cidade desde os fins do século XIX, fatores que provavelmente a tornaram atrativa para os imigrantes, na sua maioria, italianos e que já tinham uma profissão definida. Logo após a chegada dessas pessoas à cidade, notamos um aumento na procura por formas associativas, que, em sua maioria, traziam em sua essência, o amparo aos que necessitavam, mas também possibilitavam a criação de espaços de lazer e de relações sociais. Entre os grupos de italianos formados em Juiz de Fora, a “*Unione Italiana Benso di Cavour*” nos chamou mais a atenção. Essa sociedade era formada exclusivamente por italianos e se diferenciava das demais associações devido ao seu caráter maçônico. O grupo foi fundado por vinte e dois imigrantes que também estiveram envolvidos de alguma forma com o comércio e/ou com o crescimento urbano de Juiz de Fora. Portanto, o recorte temporal irá abarcar o ano de inauguração da loja maçônica, 1902, até o ano de 1925, quando ela passa a aceitar como membros homens de outras nacionalidades. Para apoiar a pesquisa, usaremos o estatuto da loja, documentos e livros que retratam alguns dos passos desses imigrantes na cidade e nos meios de sociabilidade em que estavam inseridos, além da leitura de periódicos da época, procurando observar como os membros desse grupo estavam sendo noticiados na cidade. Assim, pretende-se notar como se desenvolveu a sociabilidade entre esses homens, como formavam suas redes de amizade e o quanto a loja pode ter influenciado ou não para o desenvolvimento das atividades desses italianos em Juiz de Fora.

Palavras-chave: Sociabilidade, imigração, italiana, Juiz de Fora.

Introdução:

Se aproximando das últimas décadas do século XIX e das primeiras décadas do século XX, a cidade de Juiz de Fora presenciou a chegada de um vasto número de imigrantes de origem italiana, cujo próprio idioma se diferenciava em uma diversidade

¹ Trabalho apresentado no 8º Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais.

² Mestre, Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, cursa atualmente bacharelado e Especialização em Ciência da Religião pela mesma instituição. Durante a graduação em História, foi bolsista de iniciação científica pelo Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA). Tem interesse na área de História, com ênfase em História Social da Cultura e Religião e Espaços Públicos.

de dialetos. É válido dizer que a grande maioria dessas pessoas só esteve de passagem pelo município, pois tomaram como destino outras cidades mineiras e até outras províncias do país. Apesar disso, uma parcela significativa de italianos permaneceu em Juiz de Fora a contemplando com elementos de sua arquitetura, arte, culinária, costumes, festas, danças e músicas.

A cidade de Juiz de Fora se destacou dentro da Zona da Mata Mineira nos fins do século XIX, devido a um rápido desenvolvimento de lavouras de café e também por conta de sua posição geográfica. Estes pontos que lhe proporcionou um acúmulo interno de capitais³ responsável pela atração de mercados de consumo e pela abertura de caminhos para importantes investimentos no município⁴, muitos deles traduzidos na ampliação e execução de serviços públicos, na criação de instituições financeiras⁵ e, como apontou pesquisadora Maraliz Christo, a própria,

Face da cidade, ainda marcada por edificações que lembravam a herança colonial portuguesa, [que] vai-se modificando com a introdução de uma arquitetura mais sofisticada, principalmente na Avenida Rio Branco, antes Rua da Direita, e nas ruas centrais, em direção ao Alto dos Passos, região onde também se concentravam os investimentos públicos⁶.

Todo esse contexto de desenvolvimento vivido por Juiz de Fora lhe renderam o posto de maior polo econômico da Zona da Mata⁷, entre os fins do século XIX e o início do século XX, e de um dos principais núcleos urbano e industrial de Minas Gerais. As mudanças eram visíveis e comentadas, como em uma reportagem do jornal italiano *Il Bersagliere*, em que um correspondente passa pela cidade e elogia suas construções modernas, sua iluminação, suas ruas elegantes e seu belo jardim público⁸. É importante ressaltar que a economia juizforana era secundária se comparada a grandes cidades do

³OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. *Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854 - 1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói, UFF, 1991.. p.45.

⁴MIRANDA, Sônia Regina. *Cidade, Capital e Poder: Políticas públicas e questão urbana na velha Manchester Mineira*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói, UFF, 1990. p.87.

⁵PIRES, Anderson. *Café, Finanças e Indústria: Juiz de Fora 1889 – 1930*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009. p. 78-80.

⁶CHRISTO, Maraliz de Castro. Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria (org.) *Solidariedades e Conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000, p.142.

⁷MIRANDA, S. op. cit. p. 87.

⁸ Jornal “*Il Bersagliere*” – 14/07/1902 p.2.

país, como o Rio de Janeiro ou São Paulo⁹, mas isso não diminui a sua importância econômica no contexto mencionado.

Por outro lado, durante o século XIX, ocorreram na Europa inúmeras mudanças que atingiram grande parte de sua população, sobretudo das que residiam no campo. O aumento significativo na taxa de natalidade e o desenvolvimento da mecanização agrícola, que já vinham ocorrendo desde o final do século XVIII, ocasionaram um excedente de mão de obra. Logo, a impossibilidade de sustentar a si e à sua família, somado aos casos de perseguições étnico-religiosas, que cresciam dentro da Europa, que também vivia um momento de afirmação de Estados Nacionais¹⁰, fez com que muitas pessoas arriscassem a se mudar para as cidades em busca de um novo caminho ou se mudassem para mundos diversos, mas promissores¹¹.

A cidade de Juiz de Fora foi um dos destinos escolhidos pelos imigrantes no contexto da virada do século XIX para o século XX, e neste momento vê-se, principalmente, a chegada de italianos que buscavam trabalhos em lavouras, mas também em indústrias crescentes e até mesmo oportunidades de iniciarem seus negócios na cidade. Contudo, refletimos sobre como teria sido o árduo recomeço para a maioria destas pessoas que, afinal de contas, se encontravam em um novo horizonte estava permeado por culturas, idioma e condições de trabalho muito diversas das que estavam acostumados. Então nos questionamos: quais recursos poderiam ser usados por essas pessoas para se estabelecerem em uma nova condição de vida? Mesmo com as mudanças, como seria possível não abandonar por completo os hábitos e a cultura de sua terra natal?

A procura de sanar essas dúvidas nos mostrou que junto ao crescimento da cidade e a estabilização desses imigrantes, surgiam também à constituição de grupos associativos entre estes imigrantes¹². O desenvolvimento de tais grupos foi bem recorrente na cidade de Juiz de Fora entre as duas últimas décadas do século XIX e as três primeiras do século XX, quando o número de imigrantes atingiu proporções consideráveis. A frente destes estava instituições privadas que eram as responsáveis pela manutenção de muitas das políticas de seguridade, que hoje são assumidas pelo Estado.

⁹PIRES, A. op. cit. p.20 e 21.

¹⁰ FERREZINI, Valéria Leão. *A "Questão São Roque": Devoção e conflito, imigrantes italianos e a Igreja Católica em Juiz de Fora (1902 - 1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. 74 e 78.

¹¹ HOBBSAWM, Eric J. *A era do Capital (1848 - 1875)*. São Paulo: editora Paz e Terra, 2012. p. 299

¹² A formação de associações não era uma exclusividade dos imigrantes italianos, apenas a destacamos devido o tema do trabalho.

Entre todos estes grupos formados, um nos chamou a atenção em específico: foi à reunião de um grupo de italianos maçons, que já estavam envolvidos em tantas outras associações étnicas ou não da cidade, mas que, em 1902 fundaram a Loja Maçônica, *Unione Italiana Benso di Cavour*, exclusiva para imigrantes italianos. Até então grupo aparece citado em diversos trabalhos, porém ainda há pouca produção a respeito de suas procedências. Esse fato nos despertou o interesse por tentar nos aprofundarmos nos meios de sociabilidade utilizados pelos imigrantes italianos e trazer novas informações a respeito de tal grupo, visto tamanha lacuna na historiografia sobre a imigração italiana em Juiz de Fora.

1. O empreendedorismo dos imigrantes italianos em Juiz de Fora

Antes de trabalhar o associativismo destes imigrantes italianos em Juiz de Fora, cabe destacar o papel de atuação dessas pessoas no recorte temporal mencionado. A vinda em massa dos italianos para Minas Gerais aconteceu aproximadamente no início das obras para a construção da nova capital da Província, a cidade de Belo Horizonte, possivelmente esse foi um fator de atração de mão de obra com qualificações profissionais¹³ é claro que há um número significativo de imigrantes trabalhando nas lavouras espalhadas por Minas, mas chama a atenção essa parcela que permaneceu nos meios urbanos, como também aconteceu em Juiz de Fora¹⁴. Tais imigrantes, em maioria, de italianos, acabaram se direcionando para o comércio, para a indústria e para o trabalho no crescente setor da construção civil. O jornal *Il Bersagliere* chegou até a noticiar que “o principal comércio da cidade é o comércio dos italianos, que possuía comerciantes de respeitáveis e de grandes saberes”¹⁵. É interessante notar que esses imigrantes, normalmente, possuíam baixa instrução escolar, mas, aos poucos, arriscavam-se em empreender pequenos comércios ou pequenas indústrias¹⁶, que os colocavam em situações diferenciadas até mesmo de parte da população local. Essa espécie de imigração de “carreira” era uma forma encontrada para dar respostas às

¹³ BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. In: *Revista Locus*. Juiz de Fora, v 15. n. 1, 2009. p.44.

¹⁴ CRISTO, M. C. op cit. p. 136.

¹⁵ Jornal *Il Bersagliere* - 14/07/1902 p.2.

¹⁶ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Redes sociais e ocupação de espaços econômicos: Imigrantes italianos em Porto Alegre. In: Fay, Cláudia Musa e Ruggiero, Antonio de (Org.). *Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: Estudos de Casos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 33.

oportunidades diante de um processo de desenvolvimento urbano. Assim, o imigrante, que às vezes saía de sua terra natal intencionado para o trabalho agrícola, ao chegar ao seu novo destino e encontrar uma escassez de mão de obra qualificada, percebia ali a oportunidade de prosseguir com sua profissão e até em abrir seu próprio negócio¹⁷.

Devido ao envolvimento desses imigrantes com os trabalhos de caráter mais urbano, criou-se na cidade o “mito do imigrante empreendedor”, responsável pela industrialização de Juiz de Fora. As leituras têm revelado que essa ideia surgiu em 1915, com a primeira edição do “Álbum do Município de Juiz de Fora”¹⁸. É preciso salientar a importante participação do imigrante junto ao desenvolvimento comercial e industrial da cidade, contudo, esses negócios não eram exatamente grandes organizações industriais que exigiam altos níveis investimentos. O que se pode constatar é que havia para esses imigrantes, um espaço propício ao desenvolvimento de seus conhecimentos técnicos e a abertura de um comércio que carecia da inserção de novos produtos para suprir anseios de um local que se encontrava em desenvolvimento¹⁹. Portanto, de forma alguma se pretende tirar os méritos alcançados pelas atividades desses imigrantes, frente ao desenvolvimento de Juiz de Fora, mas deve-se apontar que tais empreendimentos, em sua maioria, caracterizavam-se mais como oficinas do que como fábricas, sendo ainda que a oportunidade de se transformar em empresário não foi realidade da maioria dos estrangeiros que precisaram continuar vendendo a sua força de trabalho²⁰.

Mas, se os imigrantes não foram os únicos a impulsionar a indústria local, é inquestionável a participação destas pessoas nas atividades urbanas, sobretudo no final do século XIX, com a chegada dos italianos, o que favoreceu a ampliação do mercado de trabalho e, assim, o surgimento de novos empreendimentos. Segundo as estatísticas apresentadas por Oliveira, percebe-se que 58% dos italianos estiveram envolvidos de alguma forma com comércio e que 21% deles estavam em meio às atividades artesanais²¹. Logo, o surgimento de novos negócios e novas áreas de atuação serviram

¹⁷ RUGGIERO, Antonio de. Os empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiras (1875 - 1914). In: FAY, Cláudia Musa e RUGGIERO, Antonio de (Orgs). *Imigrantes Empreendedores na história do Brasil: Estudos de casos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 78.

¹⁸ ESTEVES, A. & LAGE, O. V. B. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1915.

¹⁹ Oliveira. Mônica Ribeiro op. cit. p 75, 78, 79 e 81

²⁰ ANDRADE, Silvia M. B. V. *Classe Operária em Juiz de Fora: Uma história de lutas (1912 - 1924)*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987. p. 35.

²¹ Oliveira. M. op. cit. p. 10, 83 e 114

também como elementos de atração para que outros arriscassem e eventualmente se estabelecessem, facilitando a fixação de novos ingressantes em caráter permanente²².

2. As Formas Associativas

O fato de pessoas deixarem sua terra natal em busca de um recomeço, suscita inúmeras possibilidades de estudos. Para o presente trabalho, ocorreu a reflexão sobre quais recursos poderiam ser adotados para que esses imigrantes pudessem se estabelecer frente à nova realidade. O caso dos imigrantes italianos chama ainda mais atenção, pois além de se depararem com um país de clima, tradições e idioma diversos dos seus, essas pessoas viviam na Itália, a qual passava por um contexto de mudanças proporcionadas pela recém-unificação. Assim, os múltiplos costumes, dialetos e rivalidades existentes entre os vários Reinos que antes compunham parte da Península Itálica eram aglutinados no momento em que desembarcavam em terras brasileiras e mesmo com tais diferenças todos eram rotulados simplesmente como italianos.

As respostas encontradas para essa questão começaram a aparecer junto às pesquisas sobre a imigração italiana na cidade de Juiz de Fora. Os trabalhos vinham mostrando que a prática associativa entre imigrantes italianos foi recorrente por todo o Brasil, sobretudo nos fins do século XIX, quando o número de imigrantes se tornou maior e muitas dessas pessoas se integraram a grupos filantrópicos ou de ajuda mútua, em busca de estabilidade e melhor adaptação à nova realidade²³.

Algo importante a se notar nas associações é que elas não são sempre unifuncionais, mas podem cumprir simultaneamente várias funções sociais. Isto é, trata-se de considerar as associações como multifuncionais²⁴. Muitas das práticas associativas desenvolvidas durante as décadas iniciais da República brasileira funcionavam como amparo aos trabalhadores, na tentativa de sanar possíveis imprevistos, como casos de acidente ou problemas de saúde. Nesse período, havia formatos de associações diversos, como associações literárias, artísticas, científicas, de ofícios diversos, esportivas, mas as

²² TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. In: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*. São Paulo: 2008. V:20, n:1, p. 201.

²³ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989. p. 170.

²⁴ MOREL, Marco. “Sociabilidade entre Luzes e Sombras: Apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.28, p. 5, 2001. p. 5.

que se tornaram mais recorrentes foram às identificadas como filantrópicos e mutualistas que logo se proliferaram, sobretudo nas zonas urbanas.

O modelo desses grupos, na verdade, não era uma novidade na vida desses italianos, pois já lhes era conhecido desde a própria Itália. Assim, ao chegar ao novo país, eles precisavam apenas de adaptá-lo²⁵. Além do mais, essa estratégia de junção possibilitava a construção de um local em que se favorecia a ajuda-mútua nos momentos mais delicados, edificava-se um espaço para rememorar a língua pátria, cultivava-se as danças e as músicas, conserva-se a culinária, os hábitos e os costumes²⁶, constituía-se um meio de desenvolver redes de relacionamentos sociais e profissionais e isso resultava em um meio de contornar as rejeições sofridas. Como vimos anteriormente estes imigrantes participaram efetivamente da vida comercial e industrial da cidade, logo – não é uma regra, mas - as associações às quais muitos dos imigrantes empreendedores participavam poderiam formar pontos de apoio para o desenvolvimento dos seus estabelecimentos. A constituição de associações no Brasil tornou-se algo recorrente no final do século XIX e no princípio do século XX. O jornal *Il Bersagliere* identifica, no ano de 1906, pelo menos 129 sociedades italianas em atividades no Brasil²⁷. E, em Juiz de Fora, o cenário não foi diverso. Segundo estudos de Viscardi, entre os anos 1876 e 1920, houve o registro de 99 associações na cidade. Deste total, 16 ou 36,36% delas tinham o caráter étnico como formador, sendo que dez delas eram de origem italiana²⁸.

As associações acabavam por construir redes de relacionamentos, que algumas vezes aconteciam independentes da vontade dos atores sociais - quando levamos em conta as relações de parentesco - mas existem outros tipos de relações que nascem por iniciativa e vontade dos próprios atores sociais, trazendo consigo diferentes objetivos. As relações entre os indivíduos implicam a existência de fluxos de trocas de natureza e conteúdo variado, que se caracterizam por quase sempre serem assimétricos e desiguais,

²⁵ IANNI, Constantino. *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da imigração italiana*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972. p. 110-111.

²⁶ LUCA, Tânia Regina de. As sociedades de socorro mútuo italianas em São Paulo. In: BONI, Luiz A. (Org). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. Vol 2. p. 389.

²⁷ Jornal *Il Bersagliere* – 05/05/1906 p.47

²⁸ VISCARDI, Cláudia M. R. Mutualismo e Filantropia. In: **Revista Lócus**, Juiz de Fora, v 1, n. 1, 1995, 108-100.

ou seja, estabelecerem-se a partir de uma hierarquia²⁹. Dessa forma, o conceito de redes em processos migratórios torna-se um elemento importante para a compreensão do movimento de migrações a partir de um processo social³⁰. As redes migratórias podem ser definidas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”³¹. Outra definição acentua algumas das funções sociais das redes, ao defini-las como:

“Agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos.”³²

De qualquer modo, o emprego do termo “rede”, em suas definições mais restritas ou abrangentes, busca sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente das oportunidades com imigrantes anteriores, seja por carta, seja quando retornavam. Estes podiam prover tanto *informações*, no tocante às perspectivas de emprego e alojamento iniciais, como *recursos*, por meio de remessas monetárias, que pudessem financiar e assim viabilizar a viagem. Cabe, nesse sentido, sublinhar o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou restando projetos, expectativas e investimentos futuros³³. Portanto, pode-se entender que as redes construídas pelos imigrantes eram espécies de campos de relações entre indivíduos, sem necessariamente haver um grupo bem definido e limitado, mas uma abstração como forma de facilitar a descrição de um conjunto de relações em um determinado espaço social. As redes se apoiam em relações de solidariedades e confiança, sendo que, habitualmente, a família é base da rede. Na trajetória dos imigrantes espontâneos, como os nossos italianos urbanos, as redes revelam-se fundamentais. A existência de uma

²⁹ CUNHA, Mafalda Soares da. Redes sociais e decisão política no recrutamento dos governantes das conquistas, 1580-1640» in FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.), **Na Trama das Redes**. Política e negócios no Império Português. Séculos XVI-XVIII, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2010, p.120.

³⁰ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. In: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*. São Paulo: 2008. V:20, n:1, p. 199.

³¹ Id. p.396.

³² Id. p.203

³³ Id.

rede de solidariedade certamente influi nas condições em que sobrevive o imigrante e mesmo ascende socialmente³⁴.

As redes de relacionamento e o “capital social” que os imigrantes lançam mão em busca de atividades empresariais, basicamente, tratam de postular que os atores econômicos, apesar de guiados por seus interesses materiais, são também condicionados pela interação entre seus pares e pela estrutura social. A imersão dessas pessoas no meio econômico sugere que os atores têm uma ação intencional dentro do sistema de relações sociais. A ação econômica e de resultados é afetada por pares de atores e pela estrutura em geral da rede. As condições necessárias para a emergência de uma economia étnica seriam as demandas do ambiente econômico, com recursos disponíveis nos grupos étnicos. A capacidade de poupar e de mobilizar redes para levantar recursos é culturalmente determinada, e essa constitui uma das razões pelas quais alguns grupos fornecem mais empresários do que outros³⁵. Além das redes de parentescos, há vários registros que nos exemplificam uma grande rede de amizades entre notáveis locais. As amizades podem ser notadas através de ações judiciais que envolvem muitos nomes de vereadores e a presença de amigos para testemunhar testamentos, ações movidas para saldo de dívidas e em contendas envolvendo propriedades de terra³⁶.

Muitos dos contatos e das relações existentes entre os imigrantes ocorriam a partir dos laços parentescos, mas também da sociabilidade que as associações promoviam. Assim, torna-se possível perceber que as associações tendiam para um maior diálogo e abertura entre seus membros, em um processo que ao mesmo tempo reforçava a construção da identidade italiana no exterior e a formava uma própria e específica identidade ítalo-brasileira³⁷.

³⁴ CONSTANTINO, Núncia Santoro, op. cit. p.36

³⁵ Truzzi. Op.cit. p. 43 a 45.

³⁶ GENOVEZ, Patrícia Falco. *As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na metade do século XIX*. (Dissertação de Mestrado). Niterói: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF. 1996. p.185.

³⁷ BIONDI. op. cit. p. 66.

3. A Maçonaria como forma de sociabilidade

A Maçonaria é comumente identificada como uma instituição monolítica e unitária³⁸. Contudo, a pesquisadora Françoise Souza a compara a um longo tecido que, se observado a distância, aparenta forma e cor homogênea, mas quando analisado de perto, esse tecido maçônico acaba se revelando um verdadeiro emaranhado de entrecruzamento de diferentes matizes que se mantêm unidas por pontos de interseção, responsáveis por constituir o que se entende como identidade maçônica³⁹. A Maçonaria não se reconhece como uma sociedade religiosa, apesar disso, é necessário que os candidatos e seus membros acreditem na existência do “Grande Arquiteto”⁴⁰. Em consenso, tem-se que essa instituição é um importante centro de difusão e circulação de ideias⁴¹, uma vez que funcionam em caráter secreto e em ambientes propícios a discussões dos mais variados assuntos.

A origem da Maçonaria é algo que ora ou outra entra em discussão. Não há uma data precisa que determina a fundação dessa instituição, pois seus estudos originários mesclam fatos reais e fatos lendários. Mas grande parte de historiadores têm concordado que as feições da Maçonaria moderna tiveram origem na Grã-Bretanha, primeiramente em lojas escocesas, em seguida em lojas inglesas⁴², tendo como marco a fundação em 1717 da Grande Loja de Londres. Esse momento ficou caracterizado pelo abandono de alguns aspectos ligados às velhas confrarias de pedreiros da época medieval⁴³ e pelo trabalho realizado pelo pastor presbiteriano James Anderson, responsável por redigir o que seria entendido como a história, as obrigações e os regulamentos da antiga Confraria compilados em códigos a serem seguidos como deveres pelos franco-maçons⁴⁴. A partir de então, a instituição ganha um caráter mais filosófico e os membros aceitos deveriam passar a seguir princípios como os de serem “homens bons e

³⁸ BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 23 e 33.

³⁹ SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. Organização, Preceito e Elementos da Cultura Maçônica: Fundamentos para a introdução aos estudos da Maçonaria. In: SILVA, Michel (Org.). *Maçonaria no Brasil: História, política e sociabilidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p.38.

⁴⁰ *Ibdem*

⁴¹ CASTRO, Giane de Souza. *A Cruz e o Compasso: O conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no contexto da Reforma Católica Ultramontana em Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF, Juiz de Fora, 2008.p.06.

⁴² Castro, Giani. *Op. cit.* p.14

⁴³ Barata. *Op. cit.* p29

⁴⁴ *Ibdem* p. 12 e 13

leais, nascidos livres, ter idade adulta e deveriam ter boa reputação”. Dessa forma, a Maçonaria moderna agrega para si a função de desenvolver o aprimoramento moral e intelectual de seus membros⁴⁵, ganhando, então, uma ampla adesão que se difunde rapidamente por todo o mundo.

Com o tempo e a expansão da Maçonaria, suas configurações foram se mostrando ainda não acabadas e passaram a assumir múltiplas feições, de acordo com as diferentes épocas e os diferentes lugares. As formas assumidas pela Maçonaria são construídas a partir de infinitos arranjos entre suas divisas, os seus preceitos e as suas ressignificações, que lhes são impostas pelas necessidades e anseios de determinados contextos históricos⁴⁶. Porém isso é construído sem que se abandonassem os elementos que eram entendidos como responsáveis pela identidade maçônica. Esses elementos encontram-se presentes em todas as lojas, independentes do rito, obediência ou nacionalidade, como o fato de compartilharem um mesmo passado mítico, os mesmos símbolos de reconhecimento e os mesmos toques e sinais empregados dentro e fora das lojas. O próprio fundamento teórico maçônico atua como elemento unificador da ordem, na medida em que diferentes homens, ao propalarem preceitos comuns, mesmo que só em sua forma, consideram-se agentes de uma mesma causa⁴⁷.

Os espaços em que a Maçonaria se desenvolvia normalmente não se misturavam aos espaços de sociabilidade tradicionais das camadas populares, ainda que seus membros tivessem a liberdade de participar e atuar, ao mesmo tempo, com as associações entendidas como “profanas”. O fato deste meio distinguir o espaço privado, onde se poderia desenvolver as discussões das opiniões individuais, e o espaço público, onde seria, por direito, o lugar das opiniões do Estado, acabou conquistando a própria proteção do Estado, e assim muitos membros da nobreza sentiam-se à vontade para fazer parte das Lojas com o intuito de compartilhar às Luzes⁴⁸. Internamente, o local de sociabilidade criado pela Maçonaria proporcionava a construção de uma igualdade entre os seus membros⁴⁹. Ainda que se questione essa igualdade, devido à existência de uma hierarquia de saber dentro da loja, a Maçonaria se mostrou como um dos espaços de

⁴⁵ Ibidem

⁴⁶ Souza. op. cit. p36.

⁴⁷ Id p.37.

⁴⁸ KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2009. p.67.

⁴⁹ Ibidem p.37

maior construção das ideias “cívicas” do século XIX⁵⁰. Se comparada com as outras formas associativas tradicionais, como as irmandades, a Maçonaria talvez fosse a mais heterogênea em termos de sua composição social. Mas isso não exclui a forte marca excludente que as lojas possuíam⁵¹.

A fraternidade propalada pela Maçonaria dá-se, primeiramente, entre os irmãos da ordem. A fraternidade é entendida como auxílio mútuo e um modo de convívio entre os irmãos, que corresponde à virtude mais associada à sociabilidade maçônica. Percebe-se, então, que a Maçonaria, a fraternidade, é a essência dessa instituição. A filantropia subjacente à noção de fraternidade tornou-se um instrumento de coesão entre os maçons, bem como a base de sustentação da instituição no mundo profano. A filantropia pode ser entendida como um mecanismo de divulgação e enaltecimento da ordem que lhe garante um legitimado espaço de atuação. Mais do que isso, ela cria redes de poder e laços de clientelismo que garantem a influência da instituição e de seus membros em importantes círculos do mundo profano⁵². Podemos ver em Barata que a Maçonaria foi

Uma instituição essencialmente filantrópica, filosófica e progressista, tem como objetivo a pesquisa da verdade; o estudo da moral universal, os das ciências e artes e o exercício da beneficência. Tem por princípios a liberdade absoluta de consciência e a solidariedade humana. Não exclui ninguém por suas crenças. Tem por divisa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade⁵³.

Contudo, segundo Morel, na Maçonaria

A filantropia é distinta tanto da tradicional prática de caridade cristã quanto da fraternidade revolucionária. Tocada pelo espírito das Luzes, a filantropia era o movimento dos que podiam ajudar (os ativos) em direção aos percebidos como despossuídos (os passivos). A filantropia, também identificada como beneficência, era forma de expansão da civilização ocidental e ao mesmo tempo, um meio eficaz de criar redes de poder e laços de clientela⁵⁴.

⁵⁰ KOSELLECK. Op. cit.p.94

⁵¹ Id, p. 64, 67 e 68

⁵² SOUZA. op. cit. p. 26 a 2.

⁵³ BARATA, Alexandre Mansur. op. cit. p.41.

⁵⁴ MOREL, Marco. op. cit. p. 28.

Logo, o caráter de auxílio filantrópico existente dentro da Maçonaria acaba construindo um espaço de sociabilidade que fortalece relações sociais circunscritas não apenas em seu interior, mas também nas relações fora da ordem. Com esse modo de interação, os maçons poderiam auxiliar os que recebiam algo e, ao mesmo tempo, fortaleciam o poder de quem os dava⁵⁵.

Vê-se nesse sentido que os interesses e as necessidades específicos conduzem os homens a criar modos de se agrupar, sejam pelos mais variados motivos - econômicos, étnicos, religiosos ou outro qualquer. Isso possibilita o desencadeamento de redes de reciprocidades, expressas em formas sociais e delas se criam o que chamamos de associações⁵⁶. É através dessas interações que se enxerga a sociabilidade, que remete às práticas sociais em relação a um grupo de indivíduos, que efetivamente participam delas e analisa o papel em que cada um pode atuar⁵⁷. A sociabilidade é uma construção social e realiza-se por meio da vida cultural e viabiliza a junção das formas associativas concretamente existentes⁵⁸.

4.A loja “Unione Italiana Benso di Cavour” e a sociabilidade entre seus membros

O movimento migratório dos italianos ao longo do século XIX proporcionou a difusão de vários elementos de sua cultura, por onde quer que passassem. Logo ao chegarem aos novos destinos, esses italianos procuravam constituir espaços em que pudessem manter vivas as memórias de sua terra natal, seus hábitos e seus costumes. Esses espaços não só possibilitavam a manutenção de sua cultura, mas também a disponibilizava aos que a conheciam e com isso, acabavam por absorver novas ideias e criar uma identidade ítalo-brasileira. A criação de associações beneficentes era, talvez, a forma associativa mais procurada por esses italianos, pois elas ofereciam recursos que garantiriam estabilidade ao seu membro, nos momentos mais delicados de sua vida. Entre todo o mosaico de associações procurado e recorrido pelos italianos no exterior, existiu também a constituição de lojas maçônicas de caráter étnico. Apesar de a

⁵⁵ MOREL, M. & SOUZA, F.J.O. *O poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 44, 88.

⁵⁶ ALCÂNTARA JÚNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. In.: *Ciências Humanas em Revista*. São Luís. v. 3, n.2, p. 32-33, 2005.

⁵⁷ QUIRÓS, Pilar González Bernaldo de. La « sociabilidad » y la historia política. In.: *Nuevo Mundo*. 2008, p.11.

⁵⁸ ALCÂNTARA JÚNIOR, José. op. cit. p.37

Maçonaria ser entendida como uma instituição unitária, as circunstâncias nas quais as lojas estavam inseridas ditavam sim à maneira do seu funcionamento. Dessa forma, ocorreu, desde a década de 1860, a propagação de lojas maçônicas compostas apenas por italianos que viviam fora da Itália. As primeiras lojas fundadas com essas características estavam localizadas ao longo da bacia do Mediterrâneo. Depois, com o grande movimento migratório, essas lojas também passaram a percorrer outras regiões até chegarem à América Latina e, inclusive, no Brasil. As primeiras lojas italianas estabelecidas em território brasileiro datam do final da década de 1880 e, normalmente, a sua fundação acontecia nos locais com maior contingente de imigrantes italianos. Assim, encontra-se registro dessas lojas em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Minas Gerais, que também se encontrava entre os estados que receberam um número significativo de imigrantes italianos chegou a sediar um grupo desses, mais precisamente na cidade de Juiz de Fora no princípio do século XX. A loja cujo nome escolhido foi *Unione Italian Benso di Cavour*, era, até pelo menos meados da década de 1920, a única com tais características no estado⁵⁹.

A *Unione Italian Benso di Cavour* foi fundada oficialmente no dia 15 de julho de 1902⁶⁰. Nesse início de século, diversas outras associações encontravam-se em formação em Juiz de Fora, porém, a sua singularidade frente as demais, era pelo fato de reunir, em um mesmo espaço, somente maçons italianos. A concepção da loja se deu a partir de vinte e dois homens, antes maçons pertencentes às lojas “Fidelidade Mineira” e “Caridade e Firmeza”⁶¹, as duas lojas mais antigas da cidade. No momento de criação desta loja, todos os seus membros eram maçons, mas não necessariamente esses homens eram maçons desde a saída de sua terra pátria, a Itália. Sabe-se que Salvatore Notaroberto foi regulamentado na Maçonaria em Juiz de Fora, no ano de 1895 pela “Fidelidade Mineira”, mas também houve os que foram iniciados na ordem quando já haviam se estabelecidos na cidade de Juiz de Fora, como aconteceu com Luiz Perry e Pantaleone Arcuri, iniciados no ano de 1891 “Fidelidade Mineira”⁶².

⁵⁹ TRENTO op. cit. p. 174.

⁶⁰ Rossi, Pedro. Acervo pessoal. Regulamento Interno dell’Aug.: Risp.: e Subl.: Logg.: Cap.: Unione Italiana Benso di Cavour. Or.: Di Juiz de Fora (Minas Gerais - Brasile). Juiz de Fora: Estabelecimento Graphico Dias Cardoso e C., 1918. p 3

⁶¹ *REVISTA BENSO DI CAVOUR*: Edição especial – Primeiro Centenário. Juiz de Fora - MG: Juizforana Gráfica e Editora, 2002.

⁶² Livro de matrícula geral dos irmãos da ordem de juiz de fora - Loja Maçônica Fidelidade Mineira páginas 6, 8, 9, 26.

Os motivos que conduziram esse grupo de italianos a se unirem e formarem uma loja maçônica étnica ainda é um hiato para a historiografia sobre a imigração italiana de Juiz de Fora. Seus fundadores, conhecidos na cidade por desenvolverem atividades com finalidades mais práticas, não deixaram, externamente, trabalhos que falassem sobre a loja ou sobre o momento em que estavam vivendo quando a loja foi criada. As informações obtidas sobre a formação do grupo, apresentam que o idioma se fez como dificuldade de entendimento entre os italianos e os demais membros das maçonarias da cidade. Sem sombra de dúvidas, as diferenças entre os idiomas constituíram um fator problemático para esses italianos, sobretudo durante as reuniões da ordem e as elaborações das atas. Porém, esse não parece ter sido o único motivo que levou à criação da loja. Ainda que não houvesse acontecido uma completa ruptura entre as primeiras lojas da cidade e esses italianos, até mesmo porque a *Unione Italiana Benso di Cavour* funcionou por muitos anos no prédio da loja Fidelidade Mineira⁶³, as desconfiças dos maçons locais com esses italianos também pode ter impulsionado a criação do novo grupo, pois tais italianos tinham em comum o fato de serem proprietários de estabelecimentos e estarem ligados diretamente ao comércio e à indústria da cidade. Assim, a posição social que alguns desses italianos alcançaram poderia ter incomodado outros maçons da cidade. Era comum haver divergências entre membros de uma mesma loja, por isso normalmente existia mais de uma nas cidades e esse caso poderia ser ainda mais complicado quando se tratava da participação de um número significativo de estrangeiros em seu interior. O conflito entre as Maçonarias, mesmo essa sendo limitada por uma simbologia comum, fazia parte das disputas de poder presentes na sociedade, dentro e além das lojas⁶⁴.

Além das disputas locais, o estrangeiro, que a princípio, é entendido como um elemento que se integrou ao grupo, não perde em alguns casos a noção de ser o estranho, como por exemplo, em momentos de repulso e de dissociação, forma uma relação de um contra o outro, ainda que a unidade desta interação seja sugerida pelas regulações societárias. A figura de estrangeiros presente na história da economia é algo recorrente. O estrangeiro costuma ser identificado como comerciante, sobretudo, quando tem a oportunidade de levar diferentes produtos para o mercado restrito e carente de novidades. O comércio, por seu turno, pode acolher sempre mais o homem do que a produção primária e, por isso, é o setor indicado para o estrangeiro, que busca

⁶³ REVISTA BENSO DI CAVOUR. op. cit.

⁶⁴ MOREL op.cit p15.

penetrar em um círculo determinado. Círculo este onde as posições econômicas já se encontram plenamente ocupadas⁶⁵. Quando surgiram novas oportunidades de trabalho no exterior - com o momento dos grandes fluxos imigratórios - muitos trabalhadores tentaram a sorte nos principais centros urbanos, que necessitavam de mão de obra qualificada. “Alguns dentre os técnicos mais capazes conseguiram conquistar posições de causar inveja nas cidades de destino”⁶⁶. Assim, percebe-se que na verdade o estrangeiro é, sim, o estranho ao grupo e, portanto, é considerado e entendido, enfim, como um não pertencente, mesmo que este indivíduo seja um membro orgânico ao grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste meio social⁶⁷.

Além das questões sobre a dificuldade de entendimento entre o idioma local e o italiano e as situações desconfortáveis desenvolvidas entre os maçons do município e esses maçons italianos, não se pode perder de vista os problemas de relacionamentos existentes entre esses próprios italianos. Sabe-se que a Itália havia se unificado a poucas décadas quando essas pessoas chegaram na cidade, dessa forma, a rivalidade existente entre essas pessoas que vinham de regiões distintas e algumas vezes rivais, poderiam se aflorar quando eram compreendidas como de uma mesma origem. Também, a possibilidade de disputa por um espaço ou por um reconhecimento diferenciado, faziam com que diversos grupos de italianos fossem fundados na cidade. É certo que algumas vezes até havia interação entre esses grupos, como em momentos de confraternizações e comemorações, mas de qualquer forma, eram grupos independentes uns dos outros. E quando os alguns italianos não concordavam com atitudes de outros, chegavam a procurar a imprensa local e expor isso perante toda a cidade. Um caso como esse aconteceu em 1902, quando alguns italianos, entre eles Pantaleone Arcuri e José Grippe, membros da *Unione Italiana Benso di Cavour* - que havia dado início oficialmente as suas atividades a poucos dias antes da reportagem - questionaram que “pseudo-representantes” da colônia italiana de Juiz de Fora, nomearam como delegado de polícia o cidadão H. Ricci. Segundo esses que procuraram o jornal, boa parte da colônia não chegou nem a ser consultada sobre tal nomeação. Queriam até mesmo saber quem eram esses ditos representantes da colônia⁶⁸. Logo, protestar em um veículo de comunicação

⁶⁵ SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. In RBSE. Vol. 4, nº 12, 2005. P.265 e 266.

⁶⁶ Ruggiero. Op. cit. p.86.

⁶⁷ Ibidem. P.271

⁶⁸ Jornal “O Pharol” 21/06/1902 p.2.

a nomeação de um representante da colônia italiana mostra o quanto as ideias entre essas pessoas poderiam ser distintas na sociedade.

Às vezes, a rivalidade regional existente no país de origem poderia nem ser o principal fator causador de estranhamentos na cidade, mas a possibilidade de se apresentar em um local diferenciado frente aos demais. Assim, probabilidade de status que uma loja maçônica italiana proporcionaria a esse grupo também seria um motivo que os levou a sua criação. Normalmente, os grupos associativos dos italianos constituídos na cidade não tinham muitas restrições a respeito de posição social para sua participação. O que mais em comum acontecia, era a exclusão de mulheres, menores de idade e de homens que não conseguiam manter uma renda estável. Os maçons que fundaram a *Unione Italiana Benso di Cavour* também estavam presentes em várias outras associações da cidade, logo, participavam desses grupos, ao lado das pessoas “comuns”. Porém, ao se coligarem em um local em que apenas italianos maçons poderiam participar, esses homens criam um ambiente diferenciado frente aos demais, sobretudo frente aos seus compatriotas, pois, para participar desse novo grupo, era necessário que o italiano fosse iniciado dentro da Maçonaria.

Outra singularidade foi à presença do nome do conde Camillo Benso di Cavour em uma instituição maçônica na cidade de Juiz de Fora, isso intriga a pesquisa, principalmente porque a utilização do nome desse personagem da Unificação Italiana não parece ter sido muito recorrente no Brasil⁶⁹. Também, estranhou-se o uso desse nome pelo fato de que, normalmente, as lojas maçônicas que elegem um patrono como nome oficial seguem o protocolo de essas pessoas já estarem falecidas e terem, antes, pertencido à Maçonaria. Dessa forma, cabe analisar quem foi o personagem Benso di Cavour, para poder compreender como o nome chegou até essa loja. Na verdade havia um imaginário, mesmo na Itália, sobre a participação do conde Cavour na Maçonaria, no entanto, não há nenhuma evidência concreta sobre essa participação.

⁶⁹ Em uma pesquisa realizada em: <<https://www.google.com.br/maps/>> e <http://www.buscape.correios.com.br/sistemas/buscape/resultadoBuscaCepEndereco.cfm>, pode-se constatar que o nome “Cavour” aparece 7 vezes como endereços no país, porém, em apenas um caso, o nome estava diretamente referido ao Conde Camillo Benso di Cavour. Não encontramos registro de outra instituição no país que carregasse esse nome. A título de comparação, pesquisamos o nome “Garibaldi”, tomando como referência outro personagem da unificação italiana e, nesse caso, somente nesses dois sítios, o nome apareceu cerca de 65 vezes. Contudo, não conseguimos precisar em quantos desses casos era uma homenagem direta ao Giuseppe Garibaldi, pois ele chegou a constituir família no país e portanto o seu sobrenome foi também utilizado por seus descendentes.

Para o autor maçom, Boanerges de Castro, a apropriação do título Benso di Cavour a esta loja poderia ter ocorrido pelo fato de “aqueles italianos, todos exaltados patriotas, escolheram o nome pensando no Cavour por [ele também] ser um patriota italiano, [o] principal arquiteto da unificação da Itália”⁷⁰. Portanto parece que houve um esforço em trazer novamente à “luz” o nome do conde Camillo Benso di Cavour, o que na época de fundação da loja realmente parecia ser algo mais estabelecido.

No final do século XIX e no início de século XX - quando a loja foi criada -, o nome do Conde de Cavour aparecia constantemente nos jornais, mas, a partir da segunda década desse século, o seu nome aparece cada vez menos entre as notícias. Encontram-se diversas reportagens no jornal “O Pharol” tratando sobre seu histórico de vida e, em alguns desses casos, o ícone Cavour era associando a um “gênio”⁷¹, devido às suas articulações que possibilitaram a conquista da unificação italiana.

O conde Camillo Benso di Cavour nasceu no dia 10 de agosto de 1810, em Turim, apesar de que em foi encontrado na colônia italiana de Juiz de Fora uma dúvida sobre seu real local de nascimento, como mostra o trecho da reportagem do jornal “O Pharol”:

A nação italiana tem no conde de Cavour o símbolo imperecível do seu prestígio cívico. Nascido e Turim, segundo Larousse, tendo berço um lugarejo dos arredores daquela cidade, como puro e excelente piemontês, conforme outros tendo nascido em território calabrês e sendo educado mais longe, consoante ainda outros, o certo é que ele era de toda a Itália, e se províncias distintas disputam seu lugar de nascimento, todas reconhecem no grande patriota a mais bela e vigorosa representação do heroísmo e da ilustração, posto a serviço da causa que realizou a conquista suprema de uma multidão de pequenas pátrias mutiladas, para uni-las em uma só, forte, válida, impertérrita ao sopro mágico da liberdade, sonho que Garibaldi completou maravilhosamente, inspirando nos exemplos do másculo patriota⁷².

⁷⁰ CASTRO, Boanerges Barbosa de. *Diálogos Maçônicos*. Juiz de Fora, 2002. p.05

⁷¹ Jornal “O Pharol” 19/07/1911p1

⁷² Jornal “O Pharol” 20/09/1905 p.1

É interessante perceber nessa matéria que as suas biografias sempre apontam o seu local de nascimento para Turim, inclusive a própria reportagem diz que constava no “Larousse” da época que essa foi a localidade de seu nascimento. Mas aparentemente em Juiz de Fora não se tinha tanta certeza se o nascimento aconteceu mesmo em Turim, pois, lê-se no trecho acima que “outros” – também não se especifica quem são esses - acreditavam que seu nascimento havia acontecido na Calábria. Alguns dias antes dessa matéria, “O Pharol” havia dito que a Calábria era o berço de tantos políticos importantes para o Reino Italiano⁷³. Coincidentemente, Juiz de Fora, local em que o jornal era editado e vendido, presenciou o desenvolvimento de uma elite italiana, de origem calabresa, entre eles estavam Pantaleone Arcuri e Giuseppe Spinelli, sócios proprietários de uma das maiores indústrias da cidade, os quais também apareciam constantemente nas páginas do periódico. Talvez coubesse nesse ponto questionar até que ponto o jornal possuía dúvidas sobre a cidade de origem desse italiano ou até que ponto os italianos estabelecidos em Juiz de Fora teriam influenciado na construção de tal dúvida?

O fato é que Camillo Benso di Cavour foi um grande financista, industrial e político. Era o segundo filho do marquês Michele Benso e da suíça Adèle de Sellon. Em sua juventude, foi oficial do exército, mas logo abandonou a carreira em busca de novos planos. Viajou pela Europa durante quatro anos, teve a oportunidade de estudar na Grã-Bretanha, na França e na Suíça. Tornou ao Piemonte-Sardenha, no ano de 1830, e logo se ocupou de conhecer a área da agricultura e da difusão de escolas. As atividades comerciais em que estava envolvido e também bancárias lhe possibilitaram uma condição de vida confortável e permitiram que ajudasse a fundar em 1847 o jornal “*Il Risorgimento*”, marcando assim o início de seu comprometimento com o meio político. A partir de 1850, chegou a ocupar cargos públicos como o de Ministro da Agricultura, do Comércio e da Marinha. E, após a unificação italiana, tornou-se o Primeiro Ministro da Itália⁷⁴.

Desse modo, conhecendo a trajetória do conde de Cavour na Itália e conhecendo as representações feitas a sua pessoa em Juiz de Fora junto aos jornais da época, compreende-se melhor o motivo pela escolha do seu nome para a loja maçônica. Sem sombra de dúvidas seria distinto ter como patrono, uma importante figura que ajudou a

⁷³ Jornal “O Pharol” 15/09/1905p1

⁷⁴ GARCIA, Luiz Fernando Mendes. Op. cit. p. 02.

concretizar a Unificação Italiana. Pautados no desígnio desse título, a loja, que se encontra em funcionamento e com o nome “Benso di Cavour” até os dias de hoje.

Apesar dos motivos para a criação da loja ainda estarem ofuscados devido ao a falta de produção sobre o tema, nota-se, por outro lado, que havia uma grande sociabilidade desenvolvida entre esses italianos fundadores da *Unione Italiana Benso di Cavour*. Tamanha era a interação entre eles que em algumas vezes chegavam a ultrapassar os limites traçados pelas paredes da loja, envolvendo até mesmo seus familiares dentro de uma grande rede de relações. Os nomes e sobrenomes desses homens apareciam junto a inúmeros casos de desenvolvimentos de projetos, de prestação de serviços e até mesmo na constituição de novos laços familiares. Em todos esses casos, é possível acompanhar, a trama de relações que aconteciam entre essas famílias a partir da leitura dos periódicos da época, na bibliografia sobre os imigrantes italianos da cidade e até mesmo implícitos nos documentos presentes nos arquivos de Juiz de Fora. No jornal “O Pharol”, por exemplo, vê-se formar um emaranhado entre os sobrenomes desses italianos a partir de pequenas notas, as quais noticiavam as realizações dos primeiros casamentos civis da cidade. Vê-se não só a junção das famílias através dos noivos, mas também a presença desses sobrenomes entre as testemunhas, como no consórcio entre Pantaleone Arcuri e Christina Spinelli, que aconteceu na casa do Senhor José Spinelli, irmão da noiva, no dia três de abril de 1891 e que teve como testemunha o Senhor Luiz Perry⁷⁵. Nesse único episódio percebe-se três nomes de italianos que estariam, anos depois, fundando a loja *Unione Italiana Benso di Cavour*.

Alguns trabalhos como, no livro de Marcos Olender, também trazem empreendimentos envolvendo os sobrenomes dos fundadores da loja *Unione Italiana Benso di Cavour*. Nesse caso, percebem-se os nomes, de um lado o calabrês Pantaleone Arcuri, proprietário da Companhia Pantaleone Arcuri. Uma grande firma que se destacou por vender materiais para obras, elaborar projetos modernos e executar construções. Devido à proximidade com a Companhia Mineira de Energia, a construtora ainda montou uma fábrica de ladrilhos hidráulicos e foi a pioneira na inserção e fabricação da “telha do futuro”, ou ardósia artificial no Brasil⁷⁶. A construtora foi responsável pela realização de diversos prédios na cidade, inclusive prédios públicos,

⁷⁵ Jornal “O Pharol” 03/04/1991 p.1

⁷⁶ OLENDER, Marcos. **Ornamento, ponto e nó:** da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

como as Repartições Municipais, que constituem parte do patrimônio tombado de Juiz de Fora. Do outro lado, tem-se Tiberio Ciampi. Grande comerciante na cidade, responsável por prestar manutenções em bicicletas “Harley” e pela venda de peças e acessórios para veículos. Além disso, vendia automóveis da “General Motors do Brasil” e era representante da “Moto Indian” e “Harley Davidson”⁷⁷.

Após um incêndio ter afetado os negócios de Tiberio Ciampi, ele e seus filhos resolveram construir um edifício em um terreno próprio. O prédio seria por anos o primeiro e único “arranha-céu” de Juiz de Fora. A construção deste aconteceu no início dos anos de 1930 pela Companhia Pantaleone Arcuri para a família Ciampi. O projeto contou ainda com a ajuda da prefeitura que isentou de impostos durante cinco anos o proprietário do prédio, que seria o mais alto da cidade. O edifício foi projetado por Raphael Arcuri, filho de Pantaleone Arcuri e responsável pela elaboração de diversos outros projetos da construtora. O prédio em estilo *art-nouveau* contava com quatro andares e uma torre anexa. Sendo distribuído da seguinte forma, na frente do primeiro pavimento havia uma loja e, nos fundos, funcionava uma oficina e a garagem; no segundo pavimento, ficava o escritório da empresa; no terceiro pavimento, uma residência; e os demais pavimentos suportavam cômodos que eram alugados para residências ou negócios comerciais⁷⁸.

Os casos mencionados buscam ilustrar um pouco sobre o que seriam as sociabilidades desenvolvidas entre o grupo de italianos maçons no início do século XX em Juiz de Fora. Os mecanismos de relações entre eles eram tão abrangentes que extrapolavam os limites da loja e abraçavam também seus familiares. Vê-se assim que a proposta de ajuda mútua valia também para com os seus mais próximos. Logo a sociabilidade vivida dentro dessas associações proporcionavam a construção de redes de relacionamento, que ofereciam certa estabilidade aos que necessitavam de ajuda durante o período de adaptação à nova realidade e, mais do que isso, as redes forneciam recursos para o crescimento dos negócios dessas pessoas, chegando até mesmo a proporcionar *status* a alguns deles, sendo esses reconhecidos mais tarde junto a da história da cidade e tendo seu nome exposto em prédios e em logradouros do município. A presença exclusiva de italianos na loja durou até o ano de 1925⁷⁹, quando, então, descendentes e nacionais passam a ser iniciados na *Unione Italiana Benso di Cavour*.

⁷⁷ OLENDER. Op cit, p 254 e 255

⁷⁸ Id. p 252 a 255

⁷⁹ REVISTA BENSO DI CAVOUR. op. cit.

Nesse momento, o próprio fluxo imigratório diminuiu, sendo, então, essa abertura uma solução encontrada para que a loja pudesse continuar a existir.

Considerações finais

O intuito deste trabalho foi trazer para destaque, a constituição dos meios de sociabilidade, sobretudo na cidade de Juiz de Fora, a partir da análise das associações italianas e em especial a *Unione Italiana Benso di Cavour*. Longe de querer encerrar as discussões sobre o tema, a pesquisa procura registrar mais um pouco do legado que esses imigrantes italianos deixaram à cidade de Juiz de Fora. A loja formada no ano de 1902 encontra-se em funcionamento até os dias de hoje, porém completamente descaracterizada de seu caráter étnico. É ainda objetivo dessa dissertação, contribuir, para a ampliação dos estudos sobre a imigração italiana em Minas Gerais, pois apesar do número significativo de imigrantes italianos no estado, nota-se que grande parte dos trabalhos a respeito deste tema estão concentrados no estado de São Paulo e na região Sul do Brasil. E, por fim, entende-se como de grande relevância as formas de sociabilidade constituídas por essas pessoas, que se deslocavam de situações instáveis em sua terra natal, para ir de encontro com situações ainda mais instáveis nos novos destino, mas que jamais deixavam de trazer consigo a esperança de poder conquistar uma situação de vida melhor, para si e para seus familiares.

Referências

Fontes primárias

Arquivo Histórico da Fidelidade Mineira

Livro de matrícula geral dos irmãos da ordem de juiz de fora - Loja Maçônica Fidelidade Mineira.

Rossi, Pedro. Acervo pessoal. Regolamento Interno dell'Aug.: Risp.: e Subl.: Logg.: Cap.: Unione Italiana Benso di Cavour. Or.: Di Juiz de Fora (Minas Gerais - Brasile). Juiz de Fora: Estabelecimento Graphico Dias Cardoso e C., 1918. p 3

Periódicos

Biblioteca Nacional – Hermeroteca Digital Brasileira
(<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=258822&pesq=>)

Jornal O pharol 03/04/1891
Jornal “O Pharol” 21/06/1902 p.2.
Jornal “*Il Bersagliere*” – 14/07/1902 p.2.
Jornal “O Pharol” 15/09/1905p1
Jornal “O Pharol” 20/09/1905 p.1
Jornal *Il Bersagliere* – 05/05/1906 p.47
Jornal “O Pharol 19/07/1911p1

REVISTA BENSO DI CAVOUR: Edição especial – Primeiro Centenário. Juiz de Fora - MG: Juizforana Gráfica e Editora, 2002.

ALCÂNTARA JÚNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. In.: *Ciências Humanas em Revista*. São Luís. v. 3, n.2, p. 32-33, 2005.

ANDRADE, Silvia M. B. V. *Classe Operária em Juiz de Fora: Uma história de lutas (1912 - 1924)*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada & Independência do Brasil (1790 – 1822)*. Juiz de Fora: Ed. UFJF; São Paulo: Annablume, 2006.

BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. In: *Revista Lócus: Dossiê de Imigração*. Juiz de Fora, v 15, n. 1, 2009.

_____. *Classe e nação: Trabalhadores e Socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CASTRO, Boanerges Barbosa de. *Diálogos Maçônicos*. Juiz de Fora, 2002.

CASTRO, Giane de Souza. *A Cruz e o Compasso: O conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no contexto da Reforma Católica Ultramontana em Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF, Juiz de Fora, 2008.p.06.

CHRISTO, Maraliz de Castro. Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria (org.) **Solidariedades e Conflitos**: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000, p.142.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Redes sociais e ocupação de espaços econômicos: Imigrantes italianos em Porto Alegre. In: Fay, Claudia Musa e Ruggiero, Antonio de (Org.). *Imigrantes Empreendedores na História do Brasil*: Estudos de Casos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 33.

CUNHA, Mafalda Soares da. Redes sociais e decisão política no recrutamento dos governantes das conquistas, 1580-1640» in FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.), **Na Trama das Redes**. Política e negócios no Império Português. Séculos XVI-XVIII, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2010, p.120.

FEREZINI, Valéria Leão. *A “Questão São Roque”*: Devoção e conflito, imigrantes italianos e a Igreja Católica em Juiz de Fora (1902 - 1920). Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

ESTEVES, A. & LAGE, O. V. B. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1915.

GENOVEZ, Patrícia Falco. *As malhas do poder*: uma análise da elite de Juiz de Fora na metade do século XIX. (Dissertação de Mestrado). Niterói: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF. 1996.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das tradições*. São Paulo – SP: Editora Paz e Terra, 2012.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital (1848-1875)*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*: Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

IANNI, Constantino. *Homens sem paz*: os conflitos e os bastidores da imigração italiana. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise**: *Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2009

LUCA, Tânia Regina de. As sociedades de socorro mútuo italianas em São Paulo. In: BONI, Luiz A. (Org). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. Vol 2.

MIRANDA, Sônia Regina. *Cidade, Capital e Poder: Políticas públicas e questão urbana na velha Manchester Mineira*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói, UFF, 1990. p.87.

MOREL, Marco. “Sociabilidade entre Luzes e Sombras: Apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.28, p. 5, 2001. p. 5.

MOREL, M. & SOUZA, F.J.O. *O poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OLENDER, Marcos. Juiz de Fora e seu patrimônio arquitetônico. In: VISCARDI & OLIVEIRA (Org.). *Vivendo a história: Novas pesquisas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.

_____. **Ornamento, ponto e nó:** da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

_____. Pedra militar da nossa arte e da nossa estirpe: A Casa d'Italia de Juiz de Fora. In: *Revista Locus: Dossiê de Imigração*. Juiz de Fora, v 15, n. 1, 2009.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro – **Imigração e industrialização:** os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920). Dissertação (Mestrado em História) Niterói, UFF, 1991.

_____. Imigração e Industrialização: os italianos em Juiz de Fora – MG (1888 - 1920). In: BONI, Luiz A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. Vol. III.

PIRES, Anderson. *Café, Finanças e Indústria: Juiz de Fora 1889 – 1930*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

QUIRÓS, Pilar González Bernaldo de. La « sociabilidad » y la historia política. In: *Nuevo Mundo*. 2008, p.11.

RUGGIERO, Antonio de. Os empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiras (1875 - 1914). In: FAY, Cláudia Musa e RUGGIEIRO, Antonio de (Orgs). *Imigrantes Empreendedores na história do Brasil: Estudos de casos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. In RBSE. Vol. 4, nº 12, 2005. P.265 e 266.

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. Organização, Preceito e Elementos da Cultura Maçônica: Fundamentos para a introdução aos estudos da Maçonaria. In: SILVA, Michel (Org.). *Maçonaria no Brasil: História, política e sociabilidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. In: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*. São Paulo: 2008. V:20, n:1, p. 199.

VISCARDI, Cláudia M. R. Mutualismo e Filantropia. In: **Revista Lócus**, Juiz de Fora, v 1, n. 1, 1995, 108-100.